

Saiba como o Brasil destruiu a sua indústria

O estímulo à demanda interna num ambiente de taxa de câmbio valorizada e baixa competitividade externa foi determinante para a implosão do setor industrial.

Atividade industrial gaúcha segue volátil e volta a cair em outubro

As condições que levaram o setor à crise persistem e o processo de retomada deverá ser lento e difícil.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

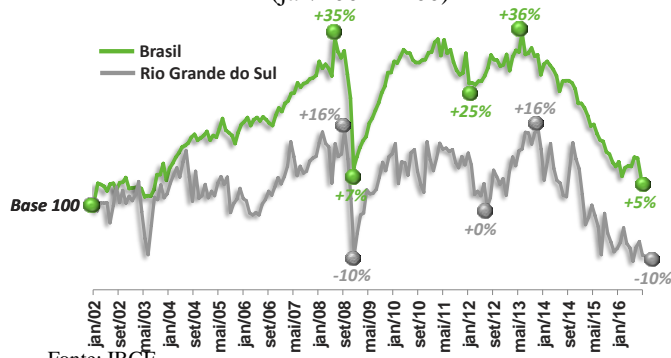
Saiba como o Brasil destruiu a sua indústria

O estímulo à demanda interna num ambiente de taxa de câmbio valorizada e baixa competitividade externa foi determinante para a implosão do setor industrial.

Os dados da Produção física da indústria de transformação brasileira, calculados pelo IBGE, mostram que o nível da produção em agosto/2016 ficou apenas 5% acima do registrado em 2002 na série livre de sazonalidade. No caso da indústria do Rio Grande do Sul a situação é mais impressionante, o nível da produção está 10% abaixo do observado naquele ano.

Produção física da indústria de transformação

(jan/2002 = 100)



Fonte: IBGE.

Um observador mais atento até pode duvidar dos dados, pois talvez seja impossível encontrar alguma empresa em operação que, passados 15 anos, continue produzindo praticamente a mesma quantidade. Entretanto, o gráfico conta a história da indústria do Brasil e do Rio Grande do Sul como um todo, ou seja, daquelas empresas que ainda produzem e das que encerraram as atividades.

Aquelas indústrias que conseguiram se sustentar em atividade, certamente expandiram a produção ao longo desse período, tendo em vista que conseguiram alternativas para aumentar a competitividade mesmo num cenário adverso.

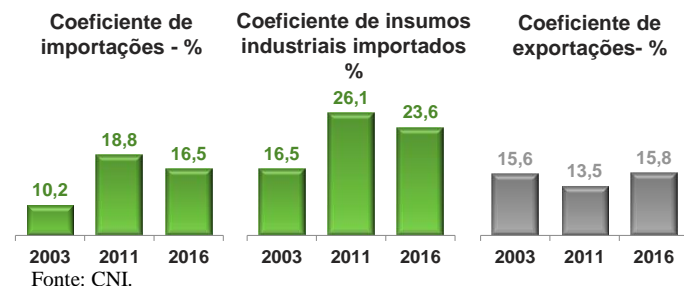
Conseguimos ilustrar esse movimento analisando os dados agregados. O coeficiente de importações mede a quantidade de produtos importados consumidos internamente em relação ao consumo aparente. O indicador mostra que a participação dos importados passou de 10,2% em 2003 para 16,5% em 2011. Esse movimento de ganho de participação dos importados frente aos bens nacionais pode ser interpretado como um reflexo do aumento da renda e do crédito no Brasil e, sobretudo, da valorização do Real frente às demais moedas. Na medida em que o Real se valorizou, a falta de competitividade da economia brasileira ficou bastante latente, e iniciamos uma terceira onda de entrada de produtos importados na economia brasileira.

Para recapitular, a primeira onda ocorreu durante a abertura comercial do governo Collor e a segunda após o Plano Real. Infelizmente, os casos anteriores não serviram de aviso para que o país passasse a cuidar melhor da sua competitividade. Na primeira e segunda ondas, os segmentos mais atingidos foram o automotivo e o de bens não duráveis, quem viveu naquela época lembra-se da disseminação das “lojas de R\$ 1,99”. Essa

terceira onda de importações foi mais silenciosa, porém devastadora.

A necessidade de aumentar a competitividade para sobreviver levou a indústria a buscar alternativas para reduzir os custos de produção. O maior dos custos, o fator trabalho, passou a crescer de maneira brutal, e sobre este, os empresários tem pouco poder para evitar a escalada. O salário médio por hora em dólares na indústria cresceu 78,3% entre 2006 e 2015. No mesmo período, a produtividade do trabalho avançou 2,2%. Dessa forma, para aumentar a competitividade, restou olhar para linha de produção e buscar substituir insumos e matérias-primas nacionais por similares importados. O indicador de participação dos insumos industriais importados nos insumos industriais totais atingiu 26,1% em 2011. O setor de vestuário, por exemplo, apresentou um crescimento 151% neste indicador. Imagine o impacto disso na indústria têxtil, uma de suas principais fornecedoras.

Coeficientes de abertura comercial



Portanto, na busca por sobreviver, os elos da cadeia produtiva doméstica foram substituídos pela estrangeira. Há quem argumente que esse fenômeno faça parte de um processo de integração produtiva, algo pelo qual uma indústria moderna precisa participar. Entretanto, os países que aprofundaram o processo de integração produtiva não viram a sua produção agregada definir. Muito pelo contrário, as economias de escopo proporcionadas por essa dinâmica aumentou a competitividade e o volume de produção.

Por que o Brasil não conseguiu fazer dar esse salto? A resposta, mais uma vez, está na falta de competitividade brasileira. Há outro indicador que nos ajuda a entender o que aconteceu. A participação da produção voltada para a exportação na produção total brasileira caiu na maioria dos setores. Sem o mercado externo como alternativa para aumentar a escala da produção, ocorreu aquilo que o primeiro gráfico mostra, o encolhimento da produção agregada.

Para salvar o que resta, o modelo para o futuro deve ter dois pilares: aumento na competitividade, com foco na redução dos custos com mão de obra, e na expansão da relação com o exterior, através de acordos comerciais.

Atividade industrial gaúcha segue volátil e volta a cair em outubro

As condições que levaram o setor à crise persistem e o processo de retomada deverá ser lento e difícil.

Em setembro, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), indicador que mede a atividade industrial no estado, recuou 1,8%, feito o ajuste sazonal, na comparação com agosto, quando o resultado foi positivo em 1,5%. A evolução da indústria gaúcha, nos últimos meses, vem sendo marcada por forte volatilidade sem uma tendência definida. O resultado de setembro levou o índice de atividade, pela terceira vez em cinco meses, ao piso da série histórica iniciada em 2003.

Seis componentes entram na formação do IDI/RS. Entre eles, apenas a massa salarial real registrou expansão no mês: 0,5% em relação a agosto. A maior contribuição negativa veio do faturamento real, que caiu 16,8%. Além da base alta (em agosto tinha crescido 16,4%), a redução incomum das exportações do setor de Tabaco ajuda a explicar a intensidade. Já as horas trabalhadas na produção recuaram 1,5% entre agosto e setembro, enquanto as compras industriais caíram 0,9%, o emprego diminuiu 0,4% e a utilização da capacidade instalada (UCI) baixou de 77,8% para 77,0%.

Em comparação com o mesmo mês do ano anterior, o IDI/RS atingiu a 31ª queda seguida, caindo 8,1% em setembro e 6,7% no acumulado de 2016 frente aos primeiros nove meses de 2015. A queda do IDI/RS no ano é puxada por todos componentes, com destaque para o faturamento real (-10,9%) e para as compras industriais (-7,6%). Caíram também as horas trabalhadas na produção (-5,8%) e a UCI (-0,6%). No mercado de trabalho industrial, o emprego teve baixa de 8,1%, que se refletiu na contração da massa salarial real (-9,6%).

O recuo da atividade industrial gaúcha em 2016 ocorreu em 15 das 16 atividades abrangidas pela pesquisa. Os setores de Máquinas e equipamentos (-12,7%) e Veículos automotores (-10,2%) seguem como os principais destaques negativos. Também contribuíram na mesma direção as baixas de 11,1% de Produtos de metal, de 14,8% de Móveis, de 9,4% de Tabaco e de 3,3% de Alimentos.

O cenário de oscilação e estabilização em um nível muito baixo descrito pelos Indicadores Industriais do RS nos últimos meses, mostra que, após três anos de recessão, as condições que levaram o setor à crise persistem. O processo de retomada deverá ser lento e mais difícil do que o sugerido pelas expectativas de empresários, que vêm puxando a alta da confiança do setor no estado. De fato, a atividade industrial tem a recuperação condicionada à demanda interna, que segue em declínio, impactada por uma conjunção de fatores, principalmente, pela redução do emprego e da renda, pelo crédito mais caro e difícil, pela alta ociosidade no setor e pelo maior endividamento das famílias e das empresas. A recuperação do setor depende ainda da melhora da gestão econômica, principalmente do ajuste fiscal, e do encaminhamento das reformas necessárias para a retomada do crescimento econômico.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul (Variações em % – setembro de 2016)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-1,8	-8,1	-6,7
Faturamento real	-16,8	-18,6	-10,9
Horas Trabalhadas na produção	-1,5	-7,5	-5,8
Emprego	-0,4	-5,8	-8,1
Massa salarial real	0,5	-2,7	-9,6
Utilização da capacidade instalada	-1,0	-1,4	-0,6
Compras Industriais	-0,9	-7,2	-7,6

* Dessazonalizado

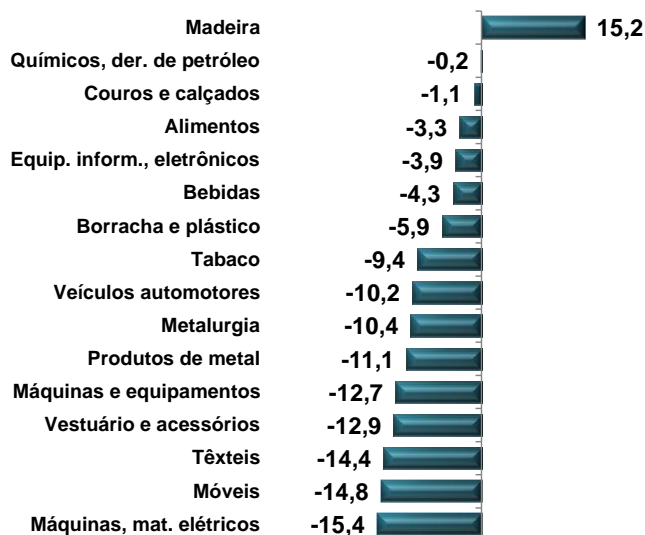
Índice de Desempenho Industrial do RS

(Índice base fixa mensal – Média de 2006 = 100)



Índice de Desempenho Industrial – Setores

(Variação acumulada no ano – setembro de 2016 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.